

No Congresso vazio, parabéns e lamúrias

BRASÍLIA — "Parabéns" e "lamentação muito" foram as expressões mais ouvidas nos cumprimentos dos parlamentares que retornaram ontem ao Congresso depois de dois meses de campanha eleitoral. Nos encontros entre colegas de partido, a conversa era idêntica: todos queriam saber quem voltou folgado (com votação expressiva), "entrou no rebozo" (conquistou a vaga pelos votos que o partido obteve) ou simplesmente "não passou".

Nas duas Casas — Câmara e Senado — as sessões plenárias de ontem se limitaram às discussões sobre o resultado das eleições. A votação de projetos, medidas provisórias e vetos presidenciais deverá ocorrer a partir de hoje, mas somente se houver quorum.

O Gabinete do Presidente da Câmara, Paes de Andrade (PMDB-CE), se transformou num centro de lamentações e lamúrias. Todos os que chegavam iam consolar o Presidente pela derrota no Ceará, onde disputava a vaga para o Senado. O último a chegar foi o Presidente do partido, Deputado Ulysses Guimarães (SP), que também não cantava vitória.

— Há uma neblina na eleição em São Paulo. Ainda não sei se volto. Pelas informações que obtive até agora, acho que vai dar para o gasto — disse Ulysses.

No PMDB, o Líder Ibsen Pinheiro tentava reunir os líderes para estabelecer a nova pauta de votações. Só conseguiu depois das 17 horas. Ibsen passou toda a tarde recebendo cumprimentos dos colegas pela reeleição, mas não arriscou previsões sobre o número de deputados que seu partido deve fazer.

Ontem, no Senado, a preocupação era outra. Pelos cálculos dos parlamentares, o Presidente Collor deverá ter oposição sistemática de apenas oito dos 81 Senadores: cinco do PDT, dois do PSB e um do PT. Os votos a favor serão pelo menos 36, que somam as bancadas do PFL (15), PDS (quatro), PDC (cinco), PTB (sete), PRN (quatro) e PST (um). O fiel da balança ficará por conta do PMDB (com 23 Senadores) e do PSDB com dez — os dois partidos têm integrantes que se alinham mais ou menos com o Governo.

Esses números podem sofrer pequena alteração pois em três Estados ainda não está definida a briga pela única vaga de Senador: Goiás, Pará e Rondônia. A partir do ano que vem, o Senado terá 81 representantes, sendo que 29 foram eleitos no dia 3. O restante tem mais quatro anos de mandato.

Entre esses, 16 disputaram o Governo de seus Estados. Porém, nenhum saiu vitorioso no primeiro turno — 13 não chegaram ao segundo turno. Somente três continuam na disputa: José Agripino (PFL-RN), Edison Lobão (PFL-MA) e Moisés Abrão (PDC-TO).

A propósito, há muita resistência no Congresso Nacional à emenda constitucional proposta pelo Deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), para que o voto se torne facultativo. A maioria dos deputados e senadores é contra a ideia, por acreditar que favoreceria aos candidatos com maior poder econômico, aumentando as chances para o exercício do chamado "voto de curral".

Até ontem à noite, Maurílio Ferreira Lima não conseguira reunir as 165 assinaturas necessárias para entregar à Mesa da Câmara sua proposta de alteração do parágrafo 1º do artigo 14 da Constituição, que determina a obrigatoriedade do voto.

— Nós ainda não temos partidos tradicionais. E o eleitor não estando arregimentado pelos partidos, estará pelo clientelismo. Não tem sentido o voto facultativo no Brasil e não é, absolutamente, o remédio para corrigir o grande número de votos brancos e nulos que ocorreu nesta eleição, que se deve ao descrédito nos políticos. Acho que desta forma um Presidente ou um Governador teria problemas de legitimidade, porque seria eleito pela maioria de uma minoria inexpressiva — disse o Senador Jarbas Passarinho (PDS-PA).

O Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães (SP), também mostrou-se contrário à ideia. Para ele, o voto facultativo no Brasil será sinônimo de voto elitista.